

O agronegócio é o seguinte

Uma cadeia produtiva *flex*

O APROFUNDAMENTO da crise de crédito e liquidez e as dificuldades crescentes das companhias para bancarem os projetos de investimentos, forçaram os controles acionários a mudarem de mãos na cadeia sucroenergética. Os grupos estrangeiros, até então mais centrados em operações de novas unidades, conhecidas como *greenfield*, entraram de forma agressiva nos negócios já estabelecidos e tradicionais, com grandes aquisições. De certa forma, esse processo veio mais cedo, em relação ao que se previa, diante de uma consolidação natural a médio prazo do mercado. Para a safra 2010/11, que começa neste mês, as áreas não colhidas de cana-de-açúcar no ano passado, em face das prolongadas chuvas, deverão ajudar a aumentar a produção. No mercado internacional, o açúcar sofre especulação, principalmente por problemas climáticos na Índia, cujos estoques reduziram-se e as cotações aqueceram-se, com repercussões ainda nos próximos meses. Mas nesta cadeia a indústria também é *flex* (como os carros), podendo produzir açúcar ou álcool, dentro de certos limites. Este fato está mudando a elasticidade de preço da demanda por álcool.

Com precipitação pluviométrica adequada nos principais estados produtores, a colheita da soja nesta safra 2009/10 marcha firme para um novo recorde. Pelas estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), serão produzidos 66,7 milhões de toneladas, contra 65,1 milhões de toneladas na previsão de janeiro e 57,2 milhões na temporada anterior.

O estado de Mato Grosso lidera o *ranking* da produção nacional, com quantidade projetada de 18,96 milhões de toneladas, acompanhado do Paraná, com 13,52 milhões de toneladas e do Rio Grande do Sul, com 9,3 milhões. Os embarques e o esmagamento da oleaginosa estão estimados, respectivamente, em 26,4 milhões de toneladas e 32,5 milhões de toneladas.

Atrapalha essa boa notícia, a exemplo de temporadas passadas, a preocupação com a evolução da taxa de câmbio. Se o real se valorizar diante do dólar, as margens já apertadas dos produtores, em especial do Centro-Oeste deixarão de existir e o produtor entrará no vermelho.

Além disso, a safra cheia na América do Sul e a recomposição dos estoques nos Estados Unidos pressionam para baixo o preço da soja.

De fato, a cotação internacional do grão, apesar de, desde o início do ano, se sustentar acima dos US\$ 9 o bushel (27,2 quilos), poderá ficar abaixo deste nível na safra 2010/11. Levantamento do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indica um recuo de 7% no preço médio da oleaginosa, de US\$ 9,45 na temporada 2009/10 para US\$ 8,80 em 2010/11. Essa avaliação foi feita durante o Agricultural Outlook Forum, em Arlington, na Virgínia, que considera a média das cotações projetadas para o ano comercial norte-americano, de setembro de 2010 a agosto de 2011.

Por sua vez, as péssimas condições das rodovias nacionais, a má utilização do potencial ferroviário e o baixo investimento federal na modernização dos portos brasileiros continuam como entraves para a amargura dos agricultores e consumidores de todo o País. Certamente, a dificuldade no escoamento da safra de grãos 2009/10 trará prejuízos para os produtores e o Brasil.

Com os preços dos produtos, principalmente de milho, trigo, arroz e feijão, abaixo dos valores amparados pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), o governo federal terá de interferir com mais força para promover a regulação do mercado agrícola e garantir renda aos produtores.

Em 2009, o governo federal executou, via Conab, R\$ 2,88 bilhões em operações de PGPM, 87,3% de R\$ 3,3 bilhões disponíveis. Os recursos foram aplicados na compra de produtos por meio da Aquisição do Governo Federal (AGF) e contratos de opção, na manutenção de estoques, tributos e despesas com armazenagem. O volume de compras ficou 339% superior ao de 2008.

Com a produtividade do campo em níveis satisfatórios, outras medidas complementares são importantes para garantir renda ao produtor. Para transportar a colheita, as hidrovias precisam ser melhores aproveitadas. Além de ser o modal mais competitivo em termos de custo, o Brasil aproveita muito pouco este potencial disponível. ■